



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA DO TOCANTINS - TO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ALDA MENDES BARBOSA

TIMIDEZ NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: ANÁLISE E REFLEXÕES

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2025

Alda Mendes Barbosa

Timidez na Educação Escolar: Análise e Reflexões

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado à
UFT – Universidade Federal do Tocantins, Campus
Universitário de Miracema para obtenção do título de
licenciado em Pedagogia.

Orientador: Dr. Marcio Bernardes de Carvalho

Miracema do Tocantins, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B238t Barbosa, Alda Mendes.
 Timidez na Educação Escolar: Análise e Reflexões. / Alda Mendes
 Barbosa. – Miracema, TO, 2025.
 41 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2025.

 Orientador: Marcio Bernardes de Carvalho

 1. Timidez. 2. Educação Escolar. 3. Formação Humana. 4. Educação. I.
 Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ALDA MENDES BARBOSA

TIMIDEZ NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: ANÁLISE E REFLEXÕES

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de Pedagogia foi avaliada para a obtenção do título de licenciado e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Márcio Bernardes de Carvalho, Orientador, UFT

Prof. Dra. Luciane Silva de Souza, Examinadora interna, UFT

Prof. Dra. Juliana Chioca Ipolito, Examinadora interna, UFT

Dedico este trabalho ao meu filho, que foi minha maior fonte de motivação durante este processo. Dedico também ao meu marido, que, mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar, lutou para que eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os funcionários da Universidade Federal do Tocantins que, de alguma forma, contribuíram para que eu conseguisse chegar à fase final do curso.

Em especial, agradeço ao meu orientador, professor Márcio Bernardes de Carvalho, pelo apoio, orientação e dedicação ao longo deste trabalho.

Agradeço também aos familiares e amigos que, de algum modo, contribuíram para que eu pudesse concluir esta etapa tão importante da minha trajetória.

RESUMO

A timidez, enquanto estado ou condição, pode manifestar-se de forma a ocasionar dificuldades para o indivíduo estabelecer relações no âmbito social como um todo, esse fenômeno pode impactar tanto as relações interpessoais quanto o rendimento acadêmico. Esta pesquisa tem como objetivo investigar as implicações da timidez na infância, e o seu impacto no desempenho escolar e nas relações sociais. O trabalho foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, utilizando-se do procedimento metodológico de pesquisa bibliográfica. Dentre os principais resultados, destaca-se o fato de que as interações sociais e a vida em sociedade constituem um alicerce para o desenvolvimento integral do ser humano, o contato com a cultura e a vida em sociedade é o que nos permite evoluir enquanto sujeitos sociais.

Palavras-chave: Timidez. Educação Escolar. Formação Humana.

ABSTRACT

Shyness as a state or condition can manifest itself in a way that causes difficulties for the individual to establish relationships in the social sphere as a whole. This phenomenon can impact both interpersonal relationships and academic performance. This research aims to investigate the implications of shyness in childhood and its impact on school performance and social relationships. The work was carried out from a qualitative approach, of an exploratory descriptive nature, using the methodological procedure of bibliographic research. Among the main results, we highlight the fact that social interactions and life in society constitute a foundation for the integral development of the human being, contact with culture and life in society is what allows us to evolve as social subjects.

Key-word: Shyness. School Education. Human Formation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPGCom	Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	TIMIDEZ COMO FENÔMENO SOCIAL OU BIOLÓGICO? TERMO, CONCEITO E PERSPECTIVAS	11
3	A TIMIDEZ E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DAS CRIANÇAS.....	17
4	INICIATIVAS PARA TRABALHAR A TIMIDEZ NO CONTEXTO ESCOLAR.....	28
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
	REFERÊNCIAS.....	37
	APÊNDICES.....	39

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é analisar a timidez como fenômeno social, com ênfase na educação escolar e seus impactos para o desenvolvimento do indivíduo. Para alcançar este objetivo fez-se necessário uma leitura crítica de pesquisas já produzidas na área (sejam publicados em formato de livros ou outros), tentando identificar fatores, problemas e desafios deste fenômeno.

A timidez pode ser compreendida por alguns autores como uma sensação de desconforto e insegurança diante da possibilidade de ser observado e julgado em ambientes sociais. Indivíduos tímidos tendem a evitar situações em que possam se expor, buscando preservar sua privacidade e se proteger da avaliação externa. Essa condição leva a uma necessidade de se manter no anonimato, como uma forma de se proteger emocionalmente, evitando a sensação de vulnerabilidade gerada pela interação social.

Como alguém que viveu a timidez na infância e se identifica como tal, posso afirmar que teve um impacto significativo no meu desenvolvimento, especialmente no âmbito escolar. A timidez, que muitas vezes é tratada como algo banal ou passageiro, foi um fator que prejudicou minhas interações sociais, impossibilitando que me envolvesse plenamente nas atividades escolares. A necessidade de me invisibilizar ou evitar a exposição em ambientes sociais gerou um isolamento que, por vezes, me impediu de estabelecer relações saudáveis com colegas e professores, dificultando meu aprendizado e desenvolvimento emocional.

A problemática da timidez na infância embora citada anteriormente que “possa parecer banal” influencia diretamente o desenvolvimento pessoal e social do sujeito à medida que a necessidade de se invisibilizar dificulta esse indivíduo de manter as relações sociais mais simples. Nesse sentido, considero que seja pertinente discutir e pesquisar sobre essa temática no âmbito acadêmico, visando conhecer o fenômeno e identificar medidas para ajudar os sujeitos que vivenciam essa realidade.

Embora existam estudos sobre o tema, a timidez infantil ainda é uma área de pesquisa pouco explorada dentro do contexto educacional, especialmente nos cursos de licenciatura. Isso torna pertinente a realização de um estudo mais aprofundado, que investigue a timidez na infância, suas consequências no desempenho escolar e suas implicações no desenvolvimento das relações sociais e emocionais. Este trabalho tem o propósito de contribuir para o entendimento de como a timidez pode prejudicar o desenvolvimento infantil, sobretudo no âmbito escolar, e buscar estratégias que auxiliem a superação dessa condição.

Esta pesquisa foi realizada na abordagem qualitativa, sendo exploratória e descritiva, utilizando-se do procedimento metodológico da pesquisa bibliográfica como fonte de dados para leituras e análises. A pesquisa será fundamentada nas obras de Vieira (2010), Axia (2003) Mariano (2016) e Silva (2024), Ariés (1986), Augusto (2015), Barbosa (2010), Duarte (2004), Lima, Jimenez e Carmo (2023), Saviani (2013), Silva (2024) e Vygotsky (2009 - 2010) com o objetivo de compreender o impacto da timidez na infância dentro do contexto social e escolar. Cabe ressaltar, que o levantamento bibliográfico se deu por meio de pesquisa na busca de temas que mais se aproximou, dentre deles foram escolhidos autores que trabalhados durante a graduação. A partir das análises desses autores, busca-se investigar como o fenômeno da timidez se manifesta e influencia as interações sociais, o desempenho acadêmico e o bem-estar dos estudantes. A abordagem teórica, pautada nas perspectivas psicológicas e socioculturais de cada autor, permitirá uma compreensão ampla dos fatores que contribuem para o desenvolvimento e as consequências da timidez no ambiente escolar.

Para auxiliar a pesquisa definimos como problematização o seguinte: Como a timidez pode influenciar a vida acadêmica do aluno e suas relações sociais?

Como objetivo geral desta pesquisa definimos investigar as implicações da timidez na infância e o seu impacto no desempenho escolar e nas relações sociais. Para alcançar o objetivo geral assim definimos os específicos: a) Identificar os fatores que contribuem para a timidez na infância, aspectos familiares, sociais e escolares; b) Analisar como a timidez pode afetar o desenvolvimento escolar das crianças; e c) Propor iniciativas para trabalhar a timidez no contexto escolar.

A pesquisa está dividida entre os itens: 1º Timidez como fenômeno social ou biológico? Termo, conceito e perspectivas; 2º A timidez e sua influência no desenvolvimento escolar das crianças; 3º Iniciativas para trabalhar a timidez no contexto escolar.

2 TIMIDEZ COMO FENÔMENO SOCIAL OU BIOLÓGICO? TERMO, CONCEITO E PERSPECTIVAS

Neste capítulo buscamos compreender os fatores que influenciam o desencadeamento da timidez na infância analisando os aspectos familiares, sociais e as relações estabelecidas no âmbito escolar. A palavra timidez é conceituada no dicionário Figueiredo (1913) como estado, qualidade do que é tímido; fraqueza; com acanhamento. É preciso apresentar ao leitor um conceito mais abrangente, por isso se faz necessário um estudo aprofundado para se compreender as implicações científicas deste fenômeno e superar o entendimento do senso comum do termo timidez.

Elegemos alguns questionamentos que tentaremos responder ao longo deste item: O que é a timidez? Quais elementos contribuem para o desenvolvimento da timidez na infância? Utilizaremos como fonte de pesquisa e análise de dados as obras de: Mariano (2016), Vieira (2010), Augusto (2015), Axia (2003) e Resende (2009). Através das considerações e perspectivas de cada autor buscamos entender, em variadas formas de explicar o mesmo fenômeno, quais são as implicações da timidez na infância e o seu impacto no desempenho escolar e nas relações sociais.

Uma primeira vertente associa os fatores sociais e biológicos. De acordo com Axia (2003) a timidez também possui raízes biológicas e se desenvolve por volta do primeiro ano de vida da criança, logo quando surgem as chamadas emoções primárias, dentre as quais a autora destaca: o medo, a vergonha e o embaraço. Considerando que essas são as principais emoções que desencadeiam a timidez nos indivíduos. Dessa forma, a autora compreende que o fenômeno da timidez é influenciado tanto por aspectos próprios do ambiente quanto por questões genéticas.

Analisando a timidez sob o aspecto biológico de desenvolvimento Axia (2003) de um sujeito é possível constatar que existem diferenciações na maneira como cada indivíduo sente e gerencia suas emoções. Segundo Axia (2003), uma pessoa tímida dificilmente perderá por completo essa característica, porém isso não significa que o indivíduo estará condenado a viver isolado da sociedade. É possível estabelecer vínculos e conviver bem no meio social ainda que na condição de tímido (Axia, 2003). Nesse contexto, para que uma criança tenha sucesso em seu processo de socialização, família e escola exercem um papel fundamental para que esse desenvolvimento aconteça plenamente, considerando que essas são as duas instituições sociais as quais a criança tem mais convivência durante a primeira infância.

Uma segunda vertente compreende o fenômeno somente por seus aspectos sociais. Mariano (2016) e Vieira (2010) compreendem a timidez como uma condição humana que pode ser desenvolvida por determinados sujeitos, dessa forma, o que vai definir ou contribuir para que o indivíduo adquira a característica da timidez é o percurso que a sua vida assume, pois embora a predisposição para a condição possa existir, a natureza das relações sociais que esse indivíduo vai estabelecer em seu processo de desenvolvimento e humanização pode reforçar ou inibir o surgimento da timidez. Entendemos que esta é uma perspectiva que leva em consideração o indivíduo em sociedade e suas relações.

Segundo Vieira (2010) a timidez possui duas vertentes principais: social e emocional, a primeira é entendida como um desconforto ou aflição em estar em ambientes sociais em que se possa ser observado e avaliado negativamente por algo ou alguém. E na segunda manifestação a timidez é conceituada como uma dificuldade que o indivíduo tem de entender e expressar suas próprias emoções. Neste âmbito é possível desenvolver ambas ou apenas uma vertente da condição.

Em um primeiro momento, o sujeito vai adquirir aprendizados e hábitos sociais próprios de seu núcleo familiar. E a forma como sua família estabelece as relações com a criança vai influenciar o processo de constituição da identidade subjetiva do sujeito. Se conversam com a criança, se lhe dão a oportunidade de ser ouvida, se mantêm uma relação de confiança bem estabelecida, são fatores que influenciam no desenvolvimento emocional da criança e no desencadeamento de uma possível timidez.

Nesse contexto, podemos imaginar duas situações: uma criança que sempre foi inserida em um meio social denso, que teve a oportunidade de experienciar muitas interações; e agora, imaginemos outro sujeito cuja suas experiências e interações sociais foram limitadas. Ao refletirmos sobre o processo de socialização desses dois indivíduos, podemos considerar que tal processo ocorrerá de maneira muito distinta, pois, ambos viveram em núcleos sociais diferentes. Dessa forma, ao ingressarem no ambiente escolar a sua adaptação e interação também ocorreram em períodos distintos.

Em um segundo momento, esse sujeito adentra na escola, quando isso ocorre a criança tem por volta de 6 anos de idade e ela já possui conhecimentos, e está inserida em um determinado contexto o qual vai influenciar o seu modo de agir dentro da escola. Nesse processo de integração escolar é importante que família e escola façam um trabalho em conjunto a fim de identificar de que forma a criança está desenvolvendo suas habilidades de interação social.

A natureza das relações estabelecidas na escola influencia diretamente no desencadeamento da timidez, considerando que o ambiente escolar abriga diferentes realidades sociais, culturais e econômicas, a interação entre os colegas de classe, a relação professor e aluno, revelam se o indivíduo é tímido ou extrovertido seu comportamento durante atividades em grupo demonstra traços de sua personalidade. Dentro desse processo de aquisição do saber sistematizado as relações sociais se apresentam como uma necessidade. Mesmo que Axia (2003) defenda a perspectiva biologizante, é possível verificar que o social não é descartado:

Não devemos, nunca, esquecer que somos animais sociais. Assim evoluímos, e esta é a característica central da nossa espécie, além da destacada inteligência. Os outros e as relações sociais são elementos importantes para a nossa sobrevivência individual. Nós, seres humanos, criadores de símbolos, transformamos esse fato elementar em moralidade, mas é bom lembrar que se trata de um fato biológico, inteiramente análogo ao estado *homo erectus*. Uma vez ou outra, aparecem na nossa história ataques insensatos de descomedimento, que se exprimem em ideias delirantes de super-homens ou de absoluta independência dos outros. Mas já se sabe como tais coisas terminam. Nós, humanos, estamos biologicamente programados para prestar atenção aos indivíduos da mesma espécie (até os recém-nascidos reconhecem a configuração da face humana), para ser fortemente influenciados por eles e para exercer uma grande influência sobre os outros. (AXIA, 2003, p. 147, grifo da autora).

No interior da escola o desenvolvimento das relações interpessoais é visto como secundário em relação ao processo de aprendizagem. É esperado que a criança desenvolva as habilidades de convivência social de forma natural e espontânea, algo que nem sempre ocorre, como é o caso de indivíduos tímidos, por exemplo, que podem ter prejuízos em seu desempenho escolar.

Em conformidade com Wallon (apud VIEIRA, 2010) o estado ou condição de timidez está diretamente associado ao medo uma vez que, ambos podem provocar as mesmas reações fisiológicas quando são expressos por uma pessoa, tais como: aumento dos batimentos cardíacos, xerostomia, tremedeira, rubor, transpiração excessiva e gagueira. A timidez quando identificada em uma criança em idade escolar pode se tornar um fator dificultador para o desenvolvimento pleno de suas potencialidades como sujeito.

Nesse contexto, durante os primeiros anos de desenvolvimento infantil, ocorrem alguns processos psicológicos fundamentais para a formação integral dos indivíduos. Como é o caso da aquisição da linguagem, processo que é imprescindível para o desenvolvimento da criança, tanto a língua falada quanto a escrita. Para que os sujeitos façam essa internalização é necessário que estejam inseridos nas relações socioculturais de modo que tenham acesso a língua em toda a sua complexidade. Pensando como esse processo ocorre para um indivíduo

tímido percebe-se que o medo de se expressar plenamente se apresenta como um impasse para a apropriação da linguagem e conseqüentemente para a aprendizagem escolar Augusto (2015).

Segundo Vieira (2010) o aluno tímido pode ser facilmente identificado, pois é aquele que procura não chamar atenção, fala pouco ou só fala caso lhe façam perguntas, tem “dificuldade/98’p-s” para socializar com os colegas e se senta num canto da sala, em uma tentativa de se manter protegido e quase imperceptível. No entanto se esse comportamento for algo persistente a criança vai ter dificuldades para conviver no meio social, pois o estado ou condição de timidez a inibe de estabelecer relações com outras pessoas e assim o indivíduo vai se tornando invisibilizado e isolado do corpo social. Para tanto, o autor Mariano (2016, p. 12) descreve que mesmo [...]permanecendo tímido, ele pode não se desenvolver, socialmente, não potencializar todo o seu aprendizado, não crescer como ser humano na totalidade, e esses são riscos e perdas significativas a qualquer indivíduo.

Em conformidade com Mariano (2016) é possível compreender que embora a timidez não seja uma dificuldade de aprendizagem pode prejudicar todas as vertentes da vida dos sujeitos que a apresentam caso não seja identificada e tratada. Dessa forma, no âmbito escolar é importante que as crianças tímidas sejam percebidas pelos professores para que se possa buscar formas de superar essa condição de modo que, os sujeitos ainda que apresentem características desse fenômeno consigam se desenvolver na totalidade.

De acordo com Vygotsky, (1984) entende-se que o homem se torna humano através do contato com a cultura do meio social em que está inserido. E dessa forma, cabe aqui ressaltar que para que um indivíduo se desenvolva plenamente é necessário que ele tenha acesso a condições materiais e culturais que possam oportunizar interações, relações, habilidades e conhecimentos. Ou seja, uma criança que vive em condições de pobreza e miséria, ao ser inserida no ambiente escolar e se perceber vestida e calçada de forma considerada culturalmente (ou moralmente) imprópria para frequentar aquele ambiente, essa criança pode se intimidar apresentando grande chance de desenvolver um estado ou condição de timidez na infância.

Para Vieira (2010) a timidez também pode ser fruto de uma imposição da sociedade devido à condição econômica ou ao posto de trabalho que o sujeito desempenha. A autora dá o exemplo de um gari que devido a tanto ser desrespeitado e ignorado pelo corpo social enquanto desempenha a sua função, adota uma postura um tanto quanto tímida como mecanismo de defesa das constantes humilhações sofridas.

Entende-se que a timidez pode ser tanto uma condição subjetiva, intrínseca ao próprio indivíduo, quanto uma imposição social, desencadeada por fatores socioeconômicos, culturais ou étnicos. No âmbito escolar, o professor deve observar todas as especificidades de seus alunos, buscando alternativas pedagógicas para melhor atender as necessidades de cada um. No entanto, destacamos que para que um indivíduo se desenvolva integralmente as experiências sociais e culturais se apresentam como condições mínimas necessárias para a concretização desse processo.

Compreendemos desse modo, que a timidez pode ser um estado ou condição desenvolvida por determinados indivíduos. No entanto, é importante destacar que esse fenômeno também pode ter raízes biológicas, surgindo por volta do primeiro ano de vida, quando se manifestam as chamadas emoções primárias: como o medo, a vergonha e o embaraço. O medo relaciona-se à antecipação de situações sociais percebidas como ameaçadoras. Já a vergonha envolve a sensação de exposição diante dos outros. E o embaraço, por sua vez, surge em situações em que a pessoa se sente excluída de padrões sociais.

No âmbito escolar, a timidez, embora possa ser considerado um fator dificultado do processo de ensino-aprendizagem, pois interfere diretamente nas relações sociais, cabe esclarecer que o estado ou a condição de timidez não se configura como uma dificuldade de aprendizagem em si. Dessa forma, só se torna um problema na medida em que influencia negativamente as interações sociais, sobretudo no ambiente escolar. Assim, ressaltamos que o processo de socialização é indispensável para que as crianças cresçam e desenvolvam suas potencialidades como seres humanos. Esse movimento se inicia no interior da família e da escola se perpetuando ao longo de toda a vida dos indivíduos tímidos em um exercício de formação humana constante.

A partir dos autores consultados no decorrer do capítulo, compreendemos o fenômeno da timidez, nesta pesquisa, como um estado ou uma condição. Na primeira vertente, considera-se que o indivíduo está vivenciando algo passageiro, desencadeado por situações em que o sujeito se sente exposto ou constrangido diante de outras pessoas, enquanto que a condição se caracteriza como algo mais profundo e duradouro, que faz parte da essência do sujeito.

A timidez, além de ser entendida enquanto estado ou condição, possui duas variações distintas: uma de natureza biológica e outra de caráter social. No primeiro caso, manifesta-se por meio de predisposições genéticas que são despertadas através da exposição social. No segundo caso, a timidez aparece através de instigações da própria sociedade, por meio de

comparações, situações de humilhação ou exclusão social. Esses fatores podem ser fundamentados com base em condições financeiras, nível de escolaridade e o tipo de trabalho prestado no âmbito social. Neste âmbito, o fenômeno da timidez pode afetar de diversas maneiras a vida e as relações sociais dos sujeitos que á apresentam, pois, dificulta a concretização das relações sociais mais simples.

3 A TIMIDEZ E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DAS CRIANÇAS

Este capítulo tem o objetivo de analisar como a timidez afeta o processo de ensino e aprendizagem escolar das crianças. Buscaremos conhecer o percurso histórico da infância, de modo que, possamos melhor entender este fenômeno na contemporaneidade. Para tanto, utilizaremos as obras de: Andrade (2010), Ariés (1986), Saviani (2013), Caldart (2023), Silva (1999), Noronha (2006), Orso (2023), Miranda (1985), Landin e Gomes (2023), Duarte (2004) e Mariano (2016).

Uma dúvida científica emergiu das leituras e escrita da primeira parte deste trabalho, será que o estado ou condição de timidez independe da condição histórica do que denominamos hoje como infância? Para responder esta e outras questões o capítulo tratará de conceitos centrais de infância, escola, educação e como a condição ou estado de timidez pode, ou não, afetar o desenvolvimento do indivíduo na escola. São questões centrais neste capítulo: O que é infância? Como a timidez influencia o desempenho escolar e as interações sociais? Visando uma organização lógica do capítulo iniciaremos pelo conceito de infância.

A noção contemporânea que temos do termo infância é uma invenção social recente. Historicamente, a infância nem sempre foi reconhecida como um período distinto da vida adulta, merecedora de atenção, cuidado e proteção, nem tampouco considerada fase de inocência. No período correspondente à idade média não se fazia distinção entre vida adulta e infância, consideravam que a partir do momento em que a criança desenvolvesse o mínimo de autonomia ela já poderia ser inserida em todas as atividades que eram desenvolvidas na sociedade, como por exemplo, no mundo do trabalho Andrade (2010). Dessa forma, cabe ressaltar que o desenvolvimento e as necessidades dessa categoria ainda se apresentam como desafiadoras, sobretudo no âmbito escolar.

Ariés (1986) ao descrever a descoberta da infância através de observações de pinturas antigas datadas de meados do século XIII, inicialmente, analisando imagens de personagens bíblicos e posteriormente retratos de famílias. O autor ressalta com base nessas análises iconográficas que a sociedade tem a tendência de separar o mundo das crianças do mundo dos adultos. Durante este período, a infância ainda não era reconhecida e essa categoria era tratada como mini adultos, o que pode ser observado nas pinturas da época, quando os infantes eram retratados, os mesmos utilizavam vestimentas semelhantes à dos adultos, diferindo-os apenas por apresentarem baixa estatura.

A infância era retratada como uma fase passageira, que não era digna de muita importância e que tão pouco devesse ser lembrada na fase adulta. As crianças eram entendidas como seres que seriam perdidos antes que atingisse a idade madura, visto que o índice de mortalidade infantil era gritante e isso era tido com naturalidade pela sociedade da época Ariés (1986). Neste contexto, é possível ressaltar que naquele período histórico a infância não era compreendida como um período essencial para o desenvolvimento humano que possui influência sobre todas as fases posteriores da vida. De acordo com Ariés:

Ainda no século XVII, em *Le caquet de l'accouchée*¹, vemos uma vizinha, mulher de um relator, tranquilizar assim uma inquieta, mãe de cinco “pestes”, e que acabara de dar à luz: “antes que eles te possam causar muitos problemas, tu terás perdido a metade, e quem sabe todos”. Estranho consolo! As pessoas não se podiam apegar muito há algo que era considerado uma perda eventual. (ARIÉS, 1986, p. 56 - 57, grifos do autor).

Desse modo, é notável que o trato com as crianças no passado era bem distinto do que ocorre contemporaneamente. Existe um fator que contribuiu bastante para que houvesse esta distinção como por exemplo: durante este período histórico a medicina ainda não tinha conquistado grandes progressos no que se refere aos cuidados com bebês e crianças pequenas, algumas das vacinas que temos acesso atualmente e que são fundamentais para o aumento da expectativa de vida infantil, naquela época era uma realidade distante. Dessa forma: as famílias não desenvolviam afeto significativo para com as crianças pois, acreditavam que tão breve iriam perde-las.

Assim, para discutirmos sobre a infância, as crianças e a escola enquanto instituição socializadora, se faz necessário mencionarmos como se deu historicamente o processo de construção da infância enquanto fase distinta, e da escola enquanto local responsável pela educação e ensino desses indivíduos. Um marco para a consolidação da infância ocorreu quando os pais começaram a pintar retratos de seus filhos enquanto esses ainda eram crianças (Ariés, 1986), o século XVII marca historicamente a descoberta do sentimento de infância. Em conformidade com Ariés:

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XVII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do final do século XVI e durante o século XVII. (ARIÉS, 1986, p.65).

¹ Tradução: conversa de parturiente ou tagarelar da parturiente. É o título de uma obra satírica francesa anônima publicada em 1622, que retrata as conversas e fofocas entre mulheres durante o período pós-parto. O termo "caquet" refere-se a um tagarelar incessante e fútil, enquanto "accouchée" designa a mulher que acaba de dar à luz.

De acordo com Andrade (2010) a infância tal qual conhecemos na conjuntura atual surge junto ao modelo de família burguesa onde, a instituição familiar adquire um caráter privado, estabelecendo assim as primeiras concepções de privacidade. Dessa forma, a ideia de que a criança precisa ter uma infância saudável e assistida é nova. Embora as crianças sempre estiveram presentes em nossa sociedade, é bem verdade que o trato com a infância e com as próprias crianças sempre se apresentaram como um desafio. De acordo com Andrade (2010):

[...] as mudanças no interior das famílias e a necessidade de educação das crianças são fatores determinantes para o desenvolvimento do sentimento de infância. A escola confirma-se enquanto instituição responsável pela separação das crianças e jovens do mundo adulto, por meio de práticas autoritárias e disciplinares em defesa da formação do "futuro cidadão". (ANDRADE, 2010, p. 51).

No contexto contemporâneo as crianças são vistas como sujeitos históricos de direitos. E a infância é considerada um processo imprescindível para o desenvolvimento dos indivíduos, podendo resultar em implicações positivas ou negativas na vida adulta dos sujeitos a depender de como se deu o seu processo desenvolvimento durante a sua infância. Conforme:

A infância como construção social é sempre contextualizada em relação ao tempo, ao local e à cultura, variando segundo a classe, o gênero e outras condições socioeconômicas. Por isso, não há uma infância natural nem universal, nem uma criança natural ou universal, mas muitas infâncias e crianças. (ANDRADE, 2010, p. 67).

Nesse contexto, o ambiente em que o indivíduo está inserido irá influenciar significativamente no seu desenvolvimento. Algumas crianças vivem em contextos sociais que precisam trabalhar e estudar, outras podem dedicar-se exclusivamente aos estudos o que é considerado ideal para uma criança, existem ainda, casos em que seus direitos são tão violados que nem lhes é oportunizado frequentar uma escola. É necessário pensar sobre esses processos para observarmos tamanha disparidade de direitos e oportunidades logo na primeira infância.

Desse modo, compreendemos que, ao longo da história, a construção do sentimento de infância foi uma conquista imprescindível para garantia do bem estar das crianças, visto que lhes possibilitou não apenas receber os cuidados necessários ao seu desenvolvimento fisiológico, mas permitiu também que a sociedade criasse novas maneiras de se relacionar com essa categoria. Permitindo-os a compreender gradualmente que as crianças tinham necessidades e anseios distintos dos adultos.

Assim, outro fator que foi decisivo para que a sociedade mudasse sua forma de se relacionar com as crianças foi, sem dúvida, a institucionalização dos colégios. Ao passo que o

corpo social agora possuía uma nova categoria: a infância surge a escola como sendo um local responsável por acolher, preservar a infância e educar esses sujeitos. Atualmente essa instituição ainda é considerada essencial para a manutenção e sucesso do desenvolvimento infantil. Dessa forma, se faz necessário compreendermos as dinâmicas das diferentes realidades sociais das quais cada criança é proveniente, de modo que possamos melhor assistir esses sujeitos no ambiente escolar.

O processo de formação humana dos indivíduos ocorre gradativamente e, nesse contexto, a infância representa uma fase fundamental, pois é nesse período que a criança irá vivenciar suas primeiras experiências e interações com o ambiente em que está inserida, bem como com as pessoas que compõem seu círculo social mais próximo. De acordo com Axia:

[...]Contudo, uma posição equilibrada sugere que a timidez do adulto é fruto de uma complexa e longa interação entre as características hereditárias do temperamento que favorecem a inibição, e as características ambientais, que podem agravar, manter ou resolver o problema. (AXIA, 2003, p. 111).

Nesse contexto, na medida em que a criança vivencia novas situações e têm experiências concretas no interior do corpo social, ela se torna um participante ativo das relações sociais. Ou seja, o sujeito que tem a oportunidade de conhecer e experiência diferentes ambientes tende a desenvolver uma maior capacidade de compreensão e posicionamento diante da sociedade. Por outro lado, indivíduos com vivências sociais limitadas tendem a enfrentar dificuldades para entender e se relacionar em sociedade.

Assim, justifica-se a importância de compreendermos o percurso histórico da construção do sentimento de infância, pois é nesse período que os indivíduos desenvolvem muitas das características essenciais para a interação com o ambiente e com os outros. Conhecer esse percurso histórico nos permite entender de forma mais abrangente o fenômeno da infância e suas implicações na atualidade.

Considerando que a infância é uma fase de desenvolvimento distinta da idade adulta, o estado ou a condição de timidez também precisa ser considerado a partir dessa perspectiva, especialmente no contexto de uma ação pedagógica. É fundamental que a visão da criança enquanto indivíduo e sujeito de direitos seja respeitada e considerada no centro da prática educativa. Dessa forma, evita-se adotar soluções baseadas unicamente na perspectiva do adulto, que muitas vezes desconsideram as especificidades da infância. A ação pedagógica voltada ao tratamento da timidez deve, portanto, reconhecer e valorizar a criança em suas particularidades, garantindo intervenções mais adequadas e eficazes.

No segundo momento do capítulo temos como objetivo uma aproximação do conceito de estado ou condição de timidez dentro do espaço escolar. De acordo com Ariés (1986) a escola é considerada uma instituição decisiva na separação entre infância e mundo dos adultos, porém nem sempre teve a configuração que conhecemos na atualidade e tampouco era vista como local de educação e ensino. Em meados do século XVI e XVII as escolas funcionavam como se fossem abrigos, responsáveis por acolher adolescentes e jovens, com o perpassar do tempo e com a fixação do sentimento de infância no meio social, os colégios passaram a ser considerados como um local, responsável pela educação desses jovens e a partir desse momento, tornou-se uma instituição de ensino. Os estudantes desse período eram considerados marginais que representavam risco as pessoas honestas. Nesse sentido, cabe ressaltar que historicamente a escola e a infância foram marginalizadas, sendo necessário refletir sobre os resquícios dessa perspectiva na atual conjuntura social.

Nem todo o mundo, porém, passava pelo colégio, nem mesmo pelas pequenas escolas. Nesses casos de meninos que jamais haviam ido ao colégio, ou que nele haviam permanecido muito pouco tempo (um ou dois anos), os antigos hábitos de precocidade persistiam como na idade média. Continuava-se no domínio de uma infância muito curta. Quando o colégio não prolongava a infância, nada mudava. (ARIÉS, 1986, p. 188).

Quando ocorreu a institucionalização das escolas surgiu a necessidade de se fazer uma distinção entre os estudantes, ou seja, se antes todos eram considerados “vagabundos” passou-se a surgir a imagem da “criança bem educada” os quais seriam os filhos da burguesia. Através dessa historicização é possível pensarmos que na medida que o estudante pobre permaneceu marginalizado e a escola se fixou como instituição social houve a necessidade de separar a instituição escolar em duas: uma destinada aos filhos da classe trabalhadora e outra destinada aos provenientes da burguesia Ariés (1986). Desse modo, cabe ressaltar que a consolidação do sentimento de infância pode ter dado origem ao surgimento posterior das classes sociais.

Nesse contexto, em conformidade com Andrade (2010) a escola desempenha um papel fundamental ao marcar historicamente a separação dos estágios da vida, separando-os nas categorias: infância, juventude e vida adulta, na medida em que se responsabiliza pela educação sistematizada e pela internalização de valores éticos, imprescindíveis para a formação dos sujeitos na sociedade.

Ao abordarmos a timidez no interior da instituição escolar é necessário mencionamos algumas questões: a educação pode ser tanto uma modalidade escolar como social, ou seja, a formação humana acontece em sociedade e também no âmbito escolar, e dessa forma não se

restringe ao interior de uma instituição. O processo de aprendizagem não é natural aos seres humanos e só é possível de ser incorporado por nós, através do processo de interação que ocorre em sociedade, por meio da cultura. Dessa forma, é possível desenvolvermos uma “segunda natureza” Saviani (2013, p. 13).

Caldart (2023) divide o processo educacional em três etapas: escola, educação e formação humana. Onde a escola é entendida como uma unidade de propagação do saber sistematizado, a educação é uma dimensão mais abrangente que se realiza tanto na escola quanto na sociedade e a formação humana é considerada, como um processo amplo que tem por objetivo formar o indivíduo na totalidade considerando questões subjetivas, processo esse que é denominado como formação omnilateral. Segundo a autora:

Por sua vez, a escola é um dos lugares-com a materialidade específica de seus tempos, espaços, relações, conteúdos formativos – em que, do nosso tempo histórico, acontecem ou devem acontecer determinados processos de formação humana. A escola é uma forma institucional de relações educativas, construção social e histórica, em que se faz a educação, ou seja, se intencionaliza pedagogicamente a formação humana, em especial das novas gerações e com objetivos próprios a sua inserção no todo da vida social. A instrução cognitiva, que às vezes é apresentada como sendo a função única da escola, nunca se realiza fora das relações sociais formadoras que constituem o seu dia a dia e em conexão, portanto, com totalidades mais amplas. (CALDART, 2023, p. 24 e 25.).

Para tratarmos a respeito dos processos que ocorrem no interior da escola é preciso que antes, consigamos distinguir qual é a função da escola, nesse contexto, (Saviani, 2013) conceitua como sendo função e dever da instituição escolar: ensinar o conhecimento sistematizado/científico.

Dito isso, se faz necessário a compreensão acerca do por que, para a nossa sociedade precisamos que a escola nos ensine ciência? Para responder tal questão se faz necessário conhecer os processos histórico-culturais em que o ser humano é visto como um indivíduo que necessita produzir continuamente a sua sobrevivência por meio, da produção de bens materiais, processo esse que só é possível de ocorrer pela modificação da natureza. Assim, ao fazer essas considerações, se justifica a necessidade do saber científico na medida que o ser humano precisa produzir sua própria existência e para tal finalidade é imprescindível o domínio dos saberes científicos mais elaborados. De acordo com Saviani:

A escola existe, pois para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber seja aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso conhecer também a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a

linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia). (SAVIANI, 2013, p.14).

A organização da instituição escolar se estrutura através do currículo. E esse destaca que o fundamento da escola é a socialização do conhecimento científico, ou seja, o ensino dos conteúdos distribuídos por disciplina. Dessa forma, ao entendermos os objetivos próprios do currículo observamos que este mecanismo não considera a importância do processo de socialização das crianças dentro da escola, pois, entende essa questão como algo secundário que deve ocorrer de forma espontânea. Nesse contexto, podemos ressaltar que assim como o processo de aprendizagem escolar não é algo natural aos indivíduos, a socialização também não ocorre de maneira espontânea, pois, ainda que sejamos considerados seres sociais, os processos de interação com o mundo e com os outros são construídos constantemente ao longo de toda a vida dos sujeitos.

As escolas voltadas para a classe trabalhadora, muitas vezes, incentivam os alunos a serem obedientes e subordinados, moldando-os para atender às necessidades do mercado de trabalho de maneira passiva. Em contrapartida, as escolas que formam os dirigentes da sociedade buscam desenvolver nos alunos habilidades de liderança, comando e autonomia, preparando-os para ocupar posições de poder e tomar decisões que favoreçam os interesses dos dominadores. Dessa forma, o sistema educacional contribui para a reprodução das desigualdades sociais, perpetuando diferentes formas de acesso ao conhecimento e ao poder, processo esse que ocorre através do currículo, Silva (1999). Assim, podemos mencionar que o processo de socialização também é inibido através de questões econômicas e sociais próprias da organização social.

Entendendo que na sociedade capitalista a escola é utilizada como aparelho ideológico para formar cidadãos cada vez mais competitivos e individualistas, os quais se responsabilizam pelo seu sucesso ou fracasso independentemente das condições que lhes foram oferecidas no decorrer do processo. A partir de tais alusões é possível compreender a importância da escola para formar a subjetividade dos sujeitos e perpetuar os interesses dos dirigentes da sociedade. Ou seja, a individualidade e a ideia de independência dos outros é incentivada de forma indireta através da própria organização social e do modo de produção capitalista. De acordo com Noronha (2006), ao oferecer aos pobres apenas um nível mínimo de educação eles naturalmente se tornaram mais individualistas, competitivos e eficientes.

[...] No caso da educação, trata-se de oferecer somente uma “cesta básica” de educação rudimentar e nivelada por baixo (“básica”), visando tornar os indivíduos mais eficientes na condução e gestão de sua própria pobreza, bem como controlar os

conflitos sociais. Este foco no ensino “básico” é justificado porque considera-se que este nível de ensino representa o momento em que os indivíduos podem adquirir as ferramentas mínimas necessárias para participarem no mercado moderno como consumidores e produtores eficientes e competitivos. (...) (NORONHA, 2006 p.58).

No interior da escola o professor tem papel fundamental para que o aluno se torne um indivíduo autônomo e crítico. Ainda que a escola que temos atualmente tenha forte influência do ensino tradicional, o professor dentro da sala de aula pode avançar, ao ensinar de modo que faça sentido para o aluno. Algo que é possível partindo do que o aluno já conhece para o conhecimento sistematizado. Dessa forma, o professor não desconsidera os conhecimentos que o educando já possui, utilizando-os para que o aluno desenvolva suas habilidades psicológicas superiores e aprimore sua capacidade de síntese alicerçada no conhecimento científico sistematizado. De acordo com Orso (2023), o professor é o grande responsável por formar consciência de classe nos seus alunos, efetivando a mudança social. Em consonância com Orso:

Em decorrência disso, cabe ao professor, enquanto um trabalhador possibilitar aos alunos, que em sua maioria, também são filhos de trabalhadores, o acesso aos conhecimentos mais elaborados, de tal modo que compreendam o mundo em que vivem, permitam-se identificar enquanto classe e desencadear uma práxis transformadora. (ORSO, 2023 p.369).

O processo de ensino-aprendizagem deve ser organizado nos mínimos detalhes. Desde os conteúdos, metodologia de ensino, disponibilidade de tempo e datas comemorativas que são trabalhadas dentro da escola. Estabelecendo o que deve ser tratado como atividades nucleares e essenciais do que pode ser tratado em segundo plano, como é o caso das datas comemorativas, por exemplo. Além de pensar no aluno considerando suas especificidades, tornando o processo de aprendizagem mais respeitoso e democrático. Para isso, é fundamental que o professor tenha uma formação adequada e esteja buscando constantemente maneiras de aprimorar sua prática.

Miranda (1985) critica o processo de socialização escolar ao destacar que a criança é um ser socializado desde o nascimento, sendo influenciada por sua família, cultura e sociedade, antes mesmo de ingressar na escola. Dessa forma, a instituição escolar muitas vezes ignora os processos de socialização pré-existentes na criança, tratando-a de forma padronizada e descontextualizada das suas experiências anteriores. Essa falta de acolhimento resultar-se em um tratamento inadequado, que não considera a subjetividade dos sujeitos, gerando um ambiente onde a criança se sente inibida e, em alguns casos, desenvolve um estado ou condição de timidez. Dessa forma, esse processo de exclusão dos fatores pré-existentes de socialização pode dificultar a adaptação da criança ao ambiente escolar e até prejudicar seu desenvolvimento social e emocional. De acordo com a:

Na escola, a criança vive um processo de socialização qualitativamente distinto, passando a internalizar novos conteúdos, padrões de comportamento e valores sociais. Será submetida a novos processos de internalização da realidade social, pela mediação de novos veículos sociais. (MIRANDA, 1985, p. 134).

O sujeito em estado ou condição de timidez se preocupa incansavelmente com o seu próprio comportamento, tem medo de fazer algo errado e obter desaprovação social, pois quando isso acontece o indivíduo tende a se repreender severamente por longo período de tempo Landin e Gomes (2023). E dessa forma, a criança tímida em idade escolar fará de tudo para não chamar atenção nem dos colegas e tampouco do professor. A timidez como estado ou condição irá se manifestar no comportamento da criança de diversas formas, como por exemplo: medo de apresentar trabalhos em grupo, evitar fazer perguntas ao professor quando tiver dúvidas e vergonha de se levantar e pedir para usar o banheiro... Desse modo, situações que são consideradas simples para a maioria das pessoas, mas para crianças consideradas tímidas é motivo de forte repressão interna e sofrimento. Em conformidade com Landin e Gomes:

O tímido sofre muito pensando em como determinada situação vai acontecer, pois o medo que tem de algo não ocorrer da forma que planejou é constante. Dificilmente, ele será indisciplinado ou irresponsável, visto que não quer ser o centro das atenções ao contrário disso fará de tudo para não ser notado na turma. (LANDIN; GOMES, 2023, p.194).

Assim, observamos que uma criança tímida no ambiente escolar fará de tudo para não chamar atenção, não será indisciplinada ou irresponsável e como mecanismos para se manter no anonimato dificilmente será o melhor aluno da classe. Dessa forma, entendemos que a timidez como estado ou condição, pode inibir a aprendizagem escolar das crianças uma vez que, elas irão evitar se destacar dentro da sala de aula em uma tentativa de se manterem no anonimato algo que irá limitar ainda mais suas interações.

A escola desempenha um papel crucial para a identificação e superação da timidez, o professor ao conhecer seus alunos poderá identificar as crianças tímidas e os respectivos motivos de apresentarem tal comportamento. De acordo com autor Mariano (2016), o professor deve atuar como um observador constante, considerando o aluno como um sujeito histórico e cultural que tem o direito de aprender independentemente de suas características pessoais. Cada estudante traz consigo experiências, valores e contextos sociais distintos, e é necessário que o educador compreenda as especificidades de cada um. É importante ressaltar que através dos estudos realizados nesta pesquisa, compreendemos a importância da atuação do professor no enfrentamento da timidez infantil.

De acordo com Duarte (2004) na sociedade capitalista o indivíduo ao vender sua força de trabalho, associa a função que desempenha ao recebimento de um salário, e ao fazer isso,

distancia sua personalidade do ofício que exerce na sociedade. Ao aplicarmos este conceito ao exercício da docência é notável que os sujeitos ao dividirem-se entre: ser subjetivo e ser profissional encontram dificuldades para compreender o significado próprio da função que desempenham, e dessa forma, se sentem desmotivados para procurar possibilidades de aprimorar suas respectivas práticas profissionais. Uma vez que, na sociedade capitalista a profissão e a subjetividade são elementos dissociados.

Neste contexto, ao mencionarmos essa divisão entre indivíduo e profissão, cabe refletir sobre a função social que o trabalho tem, como instrumento fundamental para a humanização do homem. O trabalho além de ser a ação através da qual, o homem produz continuamente sua existência material, também é considerado o fenômeno responsável pela diferenciação entre: homem e animal. Porém no sistema de produção capitalista o trabalho vem sendo utilizado como ferramenta de dominação, e desse modo, está deixando de cumprir sua função humanizadora na medida em que é utilizado como mecanismo de opressão, Saviani (2013).

No entanto, é necessário frisar que além da escola a família também tem a responsabilidade de auxiliar no desenvolvimento das crianças tímidas. Desse modo, o contexto escolar deve ser entendido como: espaço coletivo, ou seja, a estrutura física da escola é importante para essa discussão, pois, caso a escola não possua locais destinados para a socialização das crianças, poderá ser considerado que a instituição possa estar incentivando os sujeitos a se individualizarem ainda mais, mesmo que, de forma indireta. Cabe ressaltar, que além da estrutura física da escola o conjunto de profissionais que atuam na instituição desde os que são responsáveis pela limpeza até os coordenadores e professores influencia na formação das crianças que estudam na instituição. E dessa forma, também desempenham função importante no processo de socialização e formação humana dos indivíduos. De acordo com:

[...]A socialização da criança tímida não é papel apenas do professor. O desenvolvimento desse aluno contará com a colaboração de todos os pares que o cercam: família, equipe pedagógica, professores, colegas de classe; mas se reconhece que a relação aluno-professor é marcada por maior interação e comunicação no contexto escolar, além de o educador ser o principal mediador no processo de ensino e aprendizagem cabendo, dessa forma, ao docente em relação ao seu aluno, mais atenção e dedicação[...]. (MARIANO, 2016, p.12).

Em conformidade com, Mariano (2016) a integração da criança tímida ao corpo social deve ser ancorada no tripé: família, escola e sociedade. A partir dessa articulação será possível auxiliar as crianças retraídas a desenvolverem suas habilidades de convivência social. Podemos considerar que a timidez em excesso é prejudicial ao desenvolvimento pessoal do

sujeito como um todo. Uma vez que, o priva de estabelecer as relações sociais mais simples, como por exemplo: cumprimentar um conhecido na rua com um cordial (bom dia) esse simples ato se apresenta como algo difícil de ser concretizado.

Considerando que a escola é um ambiente essencialmente social, quando uma criança tímida adentra neste ambiente poderá apresentar dificuldades em seu desempenho escolar, não por ter problemas em aprender em si, mas, por não conseguir estabelecer vínculo com os colegas de classe e com o próprio professor, ao deixar de se expressar ou fazer questionamentos dentro da sala de aula, o indivíduo muitas vezes será invisibilidade. Dessa forma, no âmbito escolar o professor possuiu um papel imprescindível na socialização de crianças tímidas, sendo indispensável manter uma relação de confiança bem estabelecida entre professor e aluno.

Este item abordou questões centrais relacionadas à timidez enquanto estado ou condição no contexto escolar. Ao analisarmos o processo histórico de institucionalização das primeiras escolas, é possível compreendermos o quanto esse processo foi influenciado pela construção social do sentimento de infância, bem como a importância das instituições escolares na manutenção e consolidação deste mesmo sentimento. Compreender esses processos é fundamental para refletirmos sobre a escola e as demandas de seu público nos dias atuais

Dessa forma, compreendemos que a infância constitui uma fase distinta da vida adulta, com anseios e necessidades próprias. A timidez, nesse contexto, pode impactar significativamente o desenvolvimento escolar, na medida em que leva o indivíduo a restringir suas interações sociais, dificultando o estabelecimento de vínculos com professores e colegas de classe. E nesse sentido, o isolamento pode comprometer a vivência plena do ambiente escolar, afetando tanto o aprendizado quanto a formação humana dos educandos.

4 INICIATIVAS PARA TRABALHAR A TIMIDEZ NO CONTEXTO ESCOLAR

Neste capítulo vamos trabalhar com dois temas centrais, o primeiro é o papel do professor neste cenário escolar com crianças em condição ou estado de timidez, o segundo tema trata sobre a existência das funções psicológicas superiores, e buscaremos métodos pedagógicos que auxiliem no desenvolvimento do aluno de forma socializadora. Utilizaremos como fonte de pesquisa as obras de: Vigotski (2009, 2010), Lima, Jimenez e Carmo (2008) Landin e Gomes (2023). Como perguntas a serem respondidas neste item temos: Qual é a importância das funções psicológicas superiores? Qual é o papel do professor no enfrentamento da timidez dentro da sala de aula?

Para o início deste capítulo elegemos como central a apresentação e discussão sobre as funções psicológicas superiores para após adentrarmos no debate sobre o papel do professor.

Durante a infância ocorrem diversos processos de desenvolvimento que serão fundamentais para que os indivíduos consigam desenvolver todas suas potencialidades como seres humanos quando adultos. Neste contexto, cabe discutirmos sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, processo este que ocorre a partir das relações culturais e sociais construídas historicamente Lima, Jimenez e Carmo (2008).

Na medida em que as funções psicológicas superiores param se desenvolverem, necessitam que o homem esteja inserido em um meio sociocultural. É possível considerarmos que existe uma relação direta entre o desenvolvimento do sujeito enquanto indivíduo e o seu ser social, ou seja, para que os sujeitos consigam se desenvolver de forma integral as experiências e vivências no meio social se apresentam como condição indispensável.

Nesse contexto, a atividade pela qual o homem modifica a natureza para produzir sua própria existência material, ou seja, o trabalho pode ser considerado o elemento fundante do sujeito enquanto ser social e humanizado. Dessa forma, entende-se que o trabalho pode ser considerado um elemento fundamental para a constituição do ser humano como sujeito social. Pois nesse sentido, o trabalho não envolve só a produção de bens materiais, mas, também a criação de relações sociais, sendo dessa forma essencial para o processo de humanização. Em conformidade de,

A humanidade levou milhões de anos de evolução histórica para constituir-se enquanto o gênero humano; só esse fato já deixa claro que a existência individual é insuficiente para desenvolver todos os traços que caracterizam esse gênero. Embora a experiência pessoal seja um fator importante no desenvolvimento humano, ela não é capaz de garantir a humanidade do homem. Para isso é necessário a cada indivíduo apropriar-se da experiência de toda a humanidade essa apropriação é possibilitada pelo processo de aprendizagem (LIMA, JIMENEZ; CARMO, 2008, p.13).

Assim é possível notarmos que para o homem se desenvolver físico e psicologicamente, é condição necessária que este indivíduo consiga interagir e se relacionar de forma plena com o ambiente e com outros indivíduos. Dessa forma, cabe ressaltar que: os sujeitos que não tem significativas interações sociais, como por exemplo: é o caso de sujeitos tímidos que muitas vezes buscam no isolamento social um refúgio para seus medos. Nesses casos, certamente essas pessoas apresentaram dificuldades para concretizarem o desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores por terem baixo nível de trocas socioculturais.

Desse modo, de acordo com Lima, Jimenez e Carmo (2008) o homem é um ser social e dessa forma, podemos mencionar que a criança desde os seus primeiros anos de vida vai estabelecendo suas relações sociais com a cultura historicamente produzida na medida em que se desenvolve fisiologicamente e aprende novas habilidades. Nesse contexto, os sujeitos apresentam ritmos de desenvolvimento distintos, pois, tem processos de interação também muito diferentes.

Para uma criança que nasceu em um contexto social predominantemente rural onde, não costumava conviver com muitas pessoas de fora de seu ciclo familiar presume-se que quando esse sujeito for inserido em ambientes com grandes concentrações de pessoas essa criança possivelmente terá dificuldades para interagir uma vez que, aquela situação lhe é estranha. Do mesmo modo, que para uma criança nascida em um meio social urbano ela provavelmente vai interagir com um número maior de pessoas e suas vivências serão distintas das experiências da criança do primeiro exemplo. Frente a essas considerações seria errôneo considerar que esses dois sujeitos apresentassem o mesmo ritmo de desenvolvimento, porém, também seria incorreto acreditar que a criança do segundo caso se desenvolveria melhor apenas pelo fato de está inserido em um contexto urbano, tais diferenciações só poderiam ser feitas se tivéssemos analisado outros fatores como por exemplo: condições financeiras e nível de escolaridade dos pais.

As funções psicológicas superiores como: memória, lógica, atenção voluntária, pensamento verbal e linguagem intelectual, são imprescindíveis para o desenvolvimento pleno do ser humano. Este processo se inicia na infância através da imaginação, criação e das brincadeiras Vigotski (2010). E posteriormente essas habilidades que se iniciam com associações mentais simples serão aprimoradas através do conhecimento sistematizado que será adquirido no contexto escolar.

Durante a infância surge um processo psicológico denominado de imaginação ou criação que consiste em fazer associações entre a realidade concreta do indivíduo, ou seja.

aquilo que o sujeito conhece, e elementos imaginários o que pode ser chamado de fantasia, a partir desse processo de associação e recombinação o nosso cérebro vai adquirindo novas capacidades, é como se inicialmente ele tivesse o aspecto de uma laranja redonda e lisa, e a medida que vai conhecendo e assimilando novas informações o cérebro vai desenvolvendo pequenas ranhuras e adquirindo a aparência de uma couve-flor, Vigotski (2009).

Em conformidade com Vigotski (2009) o fenômeno da imaginação está presente tanto nas crianças quanto nos adultos. E este emblemático processo psicológico é responsável pela construção do mundo da cultura, tanto no que diz respeito à produção de ideias e conhecimento teórico, quanto na construção de objetos e utensílios utilizados socialmente. Dessa forma, podemos ressaltar que na medida em que a cultura é produzida em sociedade, o ato de criar se torna um elemento necessário aos indivíduos uma vez que, antes de qualquer coisa existir de fato necessitou-se do elemento imaginário.

Na verdade, a imaginação, de toda a atividade criadora, manifesta -se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. (VIGOTSKI, 2009, p.14).

Esse processo é denominado de “imaginação cristalizada”, ou seja, todos os objetos e utensílios que utilizamos na sociedade são criação cultural. E dessa forma, antes de existirem na realidade concreta existiram na imaginação, em forma de ideias, como por exemplo: podemos imaginar o processo de produção de uma mesa, antes de qualquer coisa o artesão cria a idealização do objeto em sua mente e a partir daí vai pensar no material que será utilizado para tornar o objeto que inicialmente era imaginação em realidade, assim a partir do momento em que um objeto deixa de ser apenas uma ideia e se materializa de fato ele passa a ser denominado de “imaginação cristalizada” Vigotski (2009).

Para as crianças os fenômenos da imaginação e da criação se manifestam de forma mais expressiva, uma vez que, nesta faixa etária, elas estão diariamente fazendo novas descobertas, e a medida em que a criança tem um maior número de experiências ela terá maiores possibilidades de manifestar sua atividade criadora. De acordo com Vigotski (2010) as brincadeiras realizam um papel importante para o desenvolvimento infantil, considerando que os possibilita se apropriarem de funções sociais e objetos que são de manuseio próprio dos adultos. Nesse sentido, notamos que o ato de brincar na infância vai além do simples divertimento e se configura como um mecanismo necessário para o desenvolvimento humano e para a construção das habilidades psicológicas superiores.

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mais uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde as aspirações e os anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade. (VIGOTSKI, 2009, p. 17).

Nesse contexto destacam-se as brincadeiras de papéis sociais que ocorrem quando as crianças se imaginam representando atividades próprias do mundo dos adultos como por exemplo: brincam de serem médicos, cozinheiras, professores e motoristas, entre outros. As crianças conseguem através das brincadeiras, materializar anseios que na realidade concreta não poderiam realizar, como por exemplo: o ato de dirigir um automóvel Vigotski (2010).

É possível notarmos que o fenômeno da imaginação pode ser considerado dependente da experiência concreta que a criança tem, ou seja, quanto mais ela conhece a realidade mais rico será o seu processo de imaginação, uma vez que, a criação se realiza através de combinações e assimilações de experiências já internalizadas pelo indivíduo. Dessa forma, para que um sujeito consiga desenvolver plenamente o seu processo de criação e imaginação é fundamental que o indivíduo tenha muitas experiências, sobretudo no meio social.

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mas ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência - sendo as demais circunstâncias as mesmas -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p. 23)

A grosso modo, a imaginação pode ser entendida como a combinação de distintos elementos da realidade, o que ocorre de acordo com as vivências que a criança já teve. Nesse contexto, ressaltamos a necessidade que os sujeitos tem de conviver em sociedade, de modo que sejam capazes de interagir, trocar experiências e aprendizados. Assim podemos considerar que o fenômeno da imaginação e os processos de criação serão as bases concretas para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

A timidez, como estado ou condição, pode prejudicar a manifestação plena dos processos de imaginação e criação, à medida que induz os indivíduos ao isolamento social. Esse afastamento pode acarretar em prejuízos significativos para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, considerando que, para que os indivíduos desenvolvam suas potencialidades e concretizem seus processos de crescimento, é condição necessária que estejam inseridos no interior das dinâmicas sociais. Nesse sentido, a timidez pode influenciar negativamente esse processo, afetando tanto a formação humana quanto, o pleno desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Dessa forma, torna-se pertinente abordarmos sobre a importância dos processos psicológicos de modo que, possam surgir cada vez mais pesquisas que contribuam para se pensar maneiras de trabalhar a timidez enquanto

estado ou condição, visando ao desenvolvimento completo dos sujeitos independentemente das especificidades que apresentem.

Inicialmente, antes de abordarmos as discussões a respeito dos possíveis métodos, é necessário entendermos que o processo de formação humana não ocorre acidentalmente. Ou seja, todas as relações que um indivíduo estabelece, bem como os ambientes sociais que o mesmo está inserido, desempenham uma função formativa, influenciando seu modo de agir e de se relacionar com as pessoas e com a própria sociedade no geral. Portanto, cabe salientar que a escola não é a única responsável pelo processo de socialização, visto que a formação humana ocorre necessariamente em sociedade.

Nesse contexto, faremos uma breve discussão a respeito das práticas pedagógicas que são voltadas para o processo de interação das crianças. Buscaremos métodos que possam ser utilizados para essa finalidade, favorecendo também, a construção de uma relação de confiança bem estabelecida entre professor e educando. Nesse viés, ressaltamos a importância do estímulo enquanto um elemento fundamental para o processo de socialização.

A abordagem pedagógica deve ser cuidadosamente elaborada a partir de um conjunto de observações do público ao qual será destinado. Dessa forma, cabe ressaltar que dada a dimensão do trabalho ser de cunho bibliográfico não será possível realizar uma observação de um público específico, faremos aqui a discussão de métodos que favoreçam as trocas de experiências dentro do ambiente escolar como por exemplo: a utilização do lúdico, do teatro e da interdisciplinaridade.

Assim, buscaremos articular esses recursos metodológicos com os cinco passos que são instituídos pela pedagogia histórico crítica: síntese; problematização; instrumentalização; catarse e síntese. Esses elementos são entendidos como sendo o processo pelo qual um plano de aula deve ser desenvolvido de modo, que o seu público alvo consiga desenvolver pensamento crítico acerca do conteúdo proposto. De acordo com Saviani, (1985, apud Veiga 2015):

Síntese: mobilização do aluno para construção do conhecimento mediante em uma primeira leitura da prática social.

Problematização: identificação das questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e dos conhecimentos necessários ao seu equacionamento.

Instrumentalização: apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social.

Catarse: sistematização e expressão dos instrumentos culturais incorporados para entendimento mais profundo da prática social.

Síntese: compreensão da realidade sob uma nova perspectiva e assunção de posicionamentos e de atitudes de forma consciente. (VEIGA, 2015, p. 48)

Nesse contexto é plausível mencionar a importância do professor dentro do processo de ensino-aprendizagem, pois, enquanto faz a mediação no âmbito da sala de aula, o mesmo

está trabalhando diretamente sobre a zona de desenvolvimento proximal que pode ser entendida como aquilo que o educando está próximo de aprender de forma concreta. Quando isso ocorre, entende-se que o processo de aprendizagem agora faz parte da zona de desenvolvimento real, ou seja, aquilo que o aluno já conseguiu assimilar e internalizar. De acordo;

[...] Compreende que a aprendizagem não é uma consequência de estruturas cognitivas prévias, mas condição para que novas funções intelectuais sejam construídas. entende-se que a aprendizagem fomenta processos de desenvolvimento que, em situações de interação recíproca dos sujeitos e destes com meio, mediadas pela história e pela cultura, possibilitam novas aprendizagens. (VEIGA, 2015, p. 49).

A ludicidade pode ser uma aliada do professor no processo de socialização no interior da sala de aula, porém, quando falamos sobre a importância das interações entre as crianças devemos ressaltar que na escola o objetivo principal deve ser a construção de conhecimento científico. E dessa forma, o elemento lúdico deve estar articulado intencionalmente com os conteúdos científicos. E desse modo, objetiva-se que o educando consiga interagir e construir relações sociais suficientes para que seja capaz de aprender sem ter nenhum prejuízo ou constrangimento.

O lúdico tem que ter cunho pedagógico e seu principal objetivo deve ser a aprendizagem, que pode ocorrer através da interação entre as crianças e todos que estiverem por perto, contribuindo com a vida social e tirando o peso da obrigatoriedade das atividades, dando mais espaço a interpretações e variando na maneira de aprendizagem. (LANDIN; GOMES, 2023, p. 198)

Este recurso pedagógico poderá ser utilizado a partir da construção de materiais que chamem a atenção das crianças como por exemplo: a contação de histórias em roda onde as crianças iriam ter uma maior aproximação, o professor poderá fazer juntamente com os alunos a representação dos personagens utilizando materiais recicláveis e a partir daí podem produzir uma sacola literária, depois que as crianças compreenderam a história e confeccionaram os personagens em conjunto poderá ser solicitado que cada um recontasse a história para seus familiares. Esse pode ser um modo de articular a aprendizagem escolar com o contexto familiar da criança de modo que ela será instigada a interagir tanto no âmbito escolar quanto no familiar. Partindo do lúdico podemos fazer outras articulações como por exemplo: fazer uma representação teatral da história contada anteriormente, articulando a aprendizagem com as artes de modo que auxilie na socialização das crianças de forma interativa.

Estes exemplos podem ser articulados com o processo de ensino baseado na abordagem triangular que consiste no tripé: leitura, contextualização e fazer artístico, essa proposta pedagógica pode ser utilizada tanto no âmbito das artes como em contextos e eixos disciplinares distintos. Considerando que o ler, conhecer e fazer podem ser elementos

construtores de criticidade, pois, necessita-se que o educando leia a realidade, debata sobre ela e em seguida seja capaz de agir sobre esse mesmo contexto social. Barbosa (2010).

Quando abordamos aqui que os processos de criação e imaginação constituem as bases solidas para que os indivíduos desenvolvam as suas funções psicológicas superiores, temos o objetivo de ressaltar que a formação integral dos seres humanos ocorre através de processos sucessivos. E neste contexto, é fundamental que se tenha uma infância satisfatória que possibilite aos sujeitos terem muitas vivencias e diferentes experiências no meio social.

Reconhecemos que a timidez como estado ou condição se configura como um impasse para que os indivíduos vivenciem todos os seus processos de desenvolvimento de maneira plena. Dessa forma, quando isso ocorre é pertinente que se faça intervenções visando amenizar os efeitos negativos do fenômeno. Consoante a isso, ressaltamos a importância da articulação entre o tripé: escola, família e sociedade, tendo em vista que este fenômeno deve ser trabalhado essencialmente no corpo social e não apenas no interior das instituições de ensino.

Compreendemos, que a formação humana se realiza de maneira gradativa e intencional, tanto no contexto social mais amplo, como no âmbito escolar. E dessa forma, o professor enquanto mediador do processo de ensino aprendizagem tem um papel de suma importância. Pois, a maneira que o docente conduz suas aulas bem como os métodos pedagógicos adotados pelo mesmo, podem contribuir para uma melhora ou agravamento do quadro de estado ou condição de timidez.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, investigamos as implicações da timidez na infância, e o seu impacto sobre o desempenho escolar e as relações sociais. A partir do fenômeno da timidez, deparamo-nos com o processo de formação humana, no qual todos os sujeitos estão inseridos ao longo de toda a vida. As relações sociais, familiares e escolares constituem as bases para o desenvolvimento do indivíduo. Entre os principais resultados alcançados, destaca-se o fato de que as interações sociais e a vida em sociedade são o alicerce concreto para que o desenvolvimento integral do ser humano possa ocorrer ou seja, o contato com a cultura é o que nos permite evoluir enquanto sujeitos sociais e pensantes.

A timidez pode influenciar significativamente a vida acadêmica e social dos sujeitos, na medida em que os inibem de estabelecer as relações sociais mais simples. Por exemplo, pode dificultar o diálogo em ambientes escolares e de trabalho, sobretudo quando o aluno não consegue estabelecer uma relação de confiança com seus professores e colegas. E em decorrência disso, deixa de fazer questionamentos e tirar dúvidas, questões como essas comprometem o processo de ensino aprendizagem e conseqüentemente, prejudica o desenvolvimento integral desses indivíduos.

Nesse contexto, algumas questões podem influenciar no desencadeamento do estado ou condição de timidez durante a infância, o ambiente em que a criança vive e as pessoas com as quais convive. E como foi enfatizado no decorrer desta pesquisa, o aspecto escolar também possui papel relevante nesse processo, tanto para amenizar a problemática quanto para acentua-la ainda mais, dependendo de como ocorre às relações no interior da instituição. Dessa forma, entendemos que a identificação precoce de crianças tímidas é fundamental para que se possa realizar intervenções, através de métodos que favoreçam o processo de socialização.

Consoante a isso, o processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores também pode ser afetado pelo estado ou condição de timidez, uma vez que, essas se formam na medida em que conhecemos, assimilamos, interagimos com o ambiente e com os outros indivíduos. Desse modo, ao refletirmos sobre os processos de interação, observamos que o fenômeno da timidez, enquanto estado ou condição, é entendido como uma característica que pode ser desenvolvida por alguns indivíduos a depender de como foram suas primeiras experiências de socialização, como por exemplo: as relações que permeiam o núcleo familiar, escolar e social como um todo.

Como supracitado, embora a timidez possa ser considerada uma característica normal do desenvolvimento humano, ela pode tornar-se um fator limitante quando se manifesta de forma acentuada, comprometendo o pleno desenvolvimento do indivíduo. Nesse sentido, a timidez deve ser compreendida como um desafio quando começa a interferir negativamente no processo de formação acadêmica e social da criança. Dessa forma, faz-se necessário ressaltar que a timidez só deve ser encarada como uma questão problemática quando está ocasionando prejuízos para o processo de formação humana dos indivíduos.

O desenvolvimento integral do sujeito, como mencionado anteriormente, é um processo que ocorre necessariamente em sociedade, por meio do contato com a cultura e com os outros. Portanto, o enfrentamento da timidez não deve ser uma responsabilidade exclusiva da escola, nem tampouco da família, mas deve ser arquitetada juntamente com todos os pares da sociedade, envolvendo familiares, professores e corpo social.

Nesse contexto, é fundamental entendermos as especificidades de cada sujeito e, sobretudo não tratar os diferentes como se fossem iguais, ou seja, uma pessoa tímida não deve necessariamente perde essa característica, mas é fundamental que este indivíduo seja capaz de desenvolver meios para que consiga estabelecer relações com os outros, sem que isso lhe cause sofrimento e repreensões internas. Nesse cenário, acolher a timidez na infância também pode ser considerado parte do processo de integração desse sujeito no meio social mais denso.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. **Educação Infantil: discurso, legislação e práticas institucionais**. São Paulo: Cultura Academica, 2010. p. 47 – 78.
- ARRIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil**. Univesp, 2015
- AXIA, G; **Timidez: Um dote preciso do patrimônio genético humano**. São Paulo, 2003.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda (Org.). **Abordagem Triangular no ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.
- DUARTE, Newton. **Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev**. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 24, n. 62, p. 44–63, abr. 2004.
- LANDIN, Elisa Alves; GOMES, Flávia Rezende. **A timidez na educação infantil: contribuição e intervenção por meio do lúdico**. *Revista Humanidades e Inovação - ISSN 2358-8322 – Palmas – TO – v.10, n.17, 2023*.
- LIMA, J.; JIMENEZ, R.; CARMO, M. **Funções psicológicas superiores e a educação escolar: uma leitura crítica a partir de Vygotsky**. *Verinotio – Revista On-line de Educação e Ciências Humanas*, n. 8, ano IV, maio, 2009. Publicação semestral. ISSN 1981-061X. Disponível em: <https://www.verinotio.org/conteudo/0.51006831928163.pdf>. Acesso em: 19 de maio de 2025.
- MARIANO, Vanusa Oliveira da Silva. **A timidez no processo de ensino aprendizagem**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) Faculdade Capixaba da Serra, 2018. Disponível em: <https://muttivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/atimidezno-processo-deensino-aprendizagem.pdf>. Acesso em: 06 de dezembro de 2024.
- NORONHA, Olinda Maria. **Da avaliação escolar à avaliação pelo mercado: sentidos históricos e reflexões para a prática**. In: __. Título do livro completo. Local de publicação: Editora, ano, p. 44.
- ORSO, Paulino José. **Pedagogia histórico-crítica: uma introdução**. *Revista Gesto-Debate, Campo Grande*, MS, v. 23, n. 17, p. 353-371, jan./dez. 2023.
- SAVIANI, Dermeval **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações/ Dermeval Saviani- 11.ed.rev – Campinas, SP: Autores Associados, 2013**.
- SILVA, Samara Maria da. **Timidez no contexto escolar e acadêmico: rompendo o silêncio a partir de um relato de experiência**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** (Edição). Belo Horizonte: Autêntica, 1999

VIEIRA, Maria Batista. **Timidez, exclusão e inclusão escolar: um estudo sobre identidade.** 2010. Tese (Mestrado em Psicologia) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática: uma retrospectiva histórica.** 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância.** Tradução: Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009b.

VIGOTSKI, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

APÊNDICE

MEMORIAL DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DESTA PESQUISA

No decorrer do processo de escrita desta pesquisa senti-me ansiosa e emocionada em alguns momentos, pois, a cada leitura realizada sobre o fenômeno da timidez enquanto estado ou condição foi possível me visitar enquanto criança em desenvolvimento no âmbito escolar. Sendo assim, peço respeitosamente a licença do leitor para expressar-me na primeira pessoa enquanto torno público meu relato.

Durante os primeiros anos da minha infância convivi e interagi com poucas pessoas, de modo cotidiano, meus pais irmãos. Poucas eram as ocasiões em que me era oportunizado construir experiências sociais com pessoas de fora do meu núcleo familiar, considerando que, durante este período, morávamos em uma localidade rural. Portanto a maior parte das minhas interações e experiências enquanto criança se alicerçaram quase que de modo exclusivo no seio familiar, em um contexto rural, no qual não tínhamos contatos com determinados tipos de tecnologias como por exemplo: telefone, celular e aparelho e televisores.

Quando tinha aproximadamente 6 anos de idade meus responsáveis me matricularam no primeiro ano do ensino fundamental. No momento em que me vi pela primeira vez, no ambiente da sala de aula, senti-me uma completa estranha, pois, apesar da idade avançada, não havia frequentado as modalidades de ensino creche e pré-escola, em detrimento das dificuldades de locomoção entre a zona rural e urbana, onde havia a oferta de creche e escola. E, desta forma, me iniciei no âmbito do Ensino Fundamental sem nunca ter manuseado um lápis uma vez que, meus pais são analfabetos e assim não tínhamos materiais de cunho pedagógico em casa, durante os primeiros anos de minha educação escolar, procurava de todas as formas não chamar atenção, tanto dos professores quanto dos colegas de classe. Tentava fazer as atividades da escola da melhor forma possível para não receber reclamações e tampouco chamar a atenção dos professores.

Quando o assunto era fazer amizades eu não conseguia me integrar em nenhum grupo, e em momentos que precisava dialogar de alguma forma eu procurava me manter neutra e não expressar minha opinião sobre nenhum assunto de modo que não fosse necessário estender as conversas e as interações com os colegas.

Assim fui criando estratégias cada vez mais elaboradas para quando surgisse a necessidade de interagir e estabelecer diálogos no ambiente escolar como por exemplo não tomar grandes quantidades de água durante o momento em que estava na escola para que não

fosse necessário pedir licença ao professor para usar o banheiro e quando algum colega iniciava uma conversa eu sempre concordava para não estender o diálogo.

Nesse contexto, mesmo não conseguindo interagir significativamente, fui aprendendo algumas coisas na escola. No primeiro ano do ensino fundamental, aprendi a escrever copiando do quadro. Em relação à leitura, foi um processo um pouco mais demorado, sendo que aprendi a ler textos curtos com aproximadamente 9 a 10 anos de idade.

A partir deste momento, já tendo aprendido a ler, eu tinha um pavor extremo de ter que ler e falar em público. E, para a minha infelicidade, durante os anos finais do Ensino Fundamental havia muitos trabalhos de leitura coletiva e seminários. Quando se iniciava uma leitura coletiva, eu sentia meu coração acelerar rapidamente, as mãos suavam, e naquele instante meu corpo era tomado por um grande medo, de modo a expressar muita tremedeira. Na medida em que a sequência da leitura coletiva se aproximava da minha carteira, o medo, a tremedeira, as palpitações e o suor excessivo se intensificavam significativamente.

Nesse contexto, quando eu tentava ler ou falar em público, minha voz não alcançava a fluidez necessária para permitir que quem estivesse assistindo entendesse o que eu estava lendo ou apresentando. Isso se mostrou um problema, pois, como os professores sabiam que eu tinha essa dificuldade, em qualquer oportunidade me escolhiam para ir à frente da turma, e minhas reações só pioravam na medida em que esse episódio se repetia. Não bastasse isso, eu sempre era recriminado na frente dos demais colegas, pois não apresentava uma suposta evolução no processo de leitura.

Durante o Ensino Médio, a timidez ainda me acompanhava de forma marcante. Apesar de já ter mais vivências no ambiente escolar, o medo de me expor continuava se fazendo presente, especialmente em contextos que exigissem que eu falasse em público. Como, no Ensino Médio, uma parte considerável da nota das disciplinas que eu cursava era atribuída por meio de apresentações de seminários, eu já sabia, desde o início do ano letivo, que precisaria buscar estratégias para garantir minha aprovação. Por isso, concentrava meus esforços nas atividades em que eu pudesse demonstrar meus conhecimentos sem precisar me expor diante das pessoas.

Ainda assim, consigo identificar alguns progressos nos meus processos de interação social com os outros, por exemplo: se no Ensino fundamental eu não era apta a ler em público no Ensino Médio eu já conseguia, porém não era desinibida o suficiente para explicar o que estava lendo diante de um público. E em relação as minhas interações com os colegas eu já estabelecia alguns diálogos de modo, um pouco menos desconfortável e em alguns contextos específicos conseguia me aproximar de uma ou duas pessoas.

O desejo de inserir um relato de experiência na minha pesquisa surgiu após a leitura do texto de Silva (2024), no qual a autora desenvolve um trabalho de conclusão de curso também na área da educação e, coincidentemente, em um curso de Pedagogia. Sua pesquisa aborda a timidez a partir de um relato de experiência, o que me despertou certo interesse, especialmente por me identificar com situações narradas por ela. Essa identificação despertou em mim a vontade de compartilhar minha própria trajetória no âmbito escolar.

Ao passo que escrevia sobre minha experiência enquanto criança tímida no contexto escolar foi buscando aproximações entre a bibliografia utilizada neste trabalho e as vivências que tive. Por exemplo, quando Vieira (2010) realiza a caracterização de uma criança tímida no interior da sala de aula, se assemelha com os sintomas expressos por mim ao tentar ler em público. As descrições apresentadas pela autora dialogam diretamente com as sensações que experimentei, como o medo intenso, a sudorese, os batimentos cardíacos acelerados e a dificuldade de manter a fluidez da fala diante da turma.

Nesse contexto, fazendo essas assimilações vou percebendo que a exposição de pessoas que apresentam estado ou condição de timidez deve ocorrer de maneira gradual, ou seja, não se pode exigir que uma pessoa tímida se exponha de modo forçado diante de um público muito grande, sem nunca antes ter tido essa experiência. Esse é um processo que precisa ocorrer de maneira intencional e cuidadosa a fim de não causar traumas ainda maiores, que possam dificultar as interações sociais desses sujeitos.

Para algumas pessoas, a timidez é uma parte intrínseca de sua personalidade, e tudo bem. Independente da forma como a timidez é vista, o mais importante é encontrar maneiras de lidar com ela, se isso interferir na vida diária. Encontrar formas de se sentir confortável em situações sociais e descobrir métodos para lidar com ansiedade social pode ser útil, mas não necessariamente para mudar a essência de quem se é. (SILVA, 2024, p. 27 e 28).

Por meio das articulações entre as experiências vivenciadas no decorrer do relato e a bibliografia utilizada neste trabalho, torna-se possível entendermos de modo mais concreto e significativo às ideias que são e expressas no desenrolar dessa pesquisa. Possibilitando-nos identificar de forma mais aprofundada a relação prática entre o fenômeno da timidez enquanto estado ou condição e o processo de educação escolar, essa associação permite-nos refletirmos sobre quais abordagens pedagógicas podem ser utilizadas para mediar essa problemática no interior da sala de aula.